Programa de Apoio às Comunidades Indígenas
mbyá-GUARANI
BR 116/RS

COMUNIDADES INDÍGENAS
MBYÁ-GUARANI
LOCALIZADAS AO LONGO
DA RODOVIA BR-116/RS,
ENTRE GUAÍBA E PELOTAS

CONHECER PARA RESPEITAR

Cartilha INFORMATIVA e EDUCATIVA

COMUNIDADES INDÍGENAS

MBYÁ-GUARANI

LOCALIZADAS AO LONGO

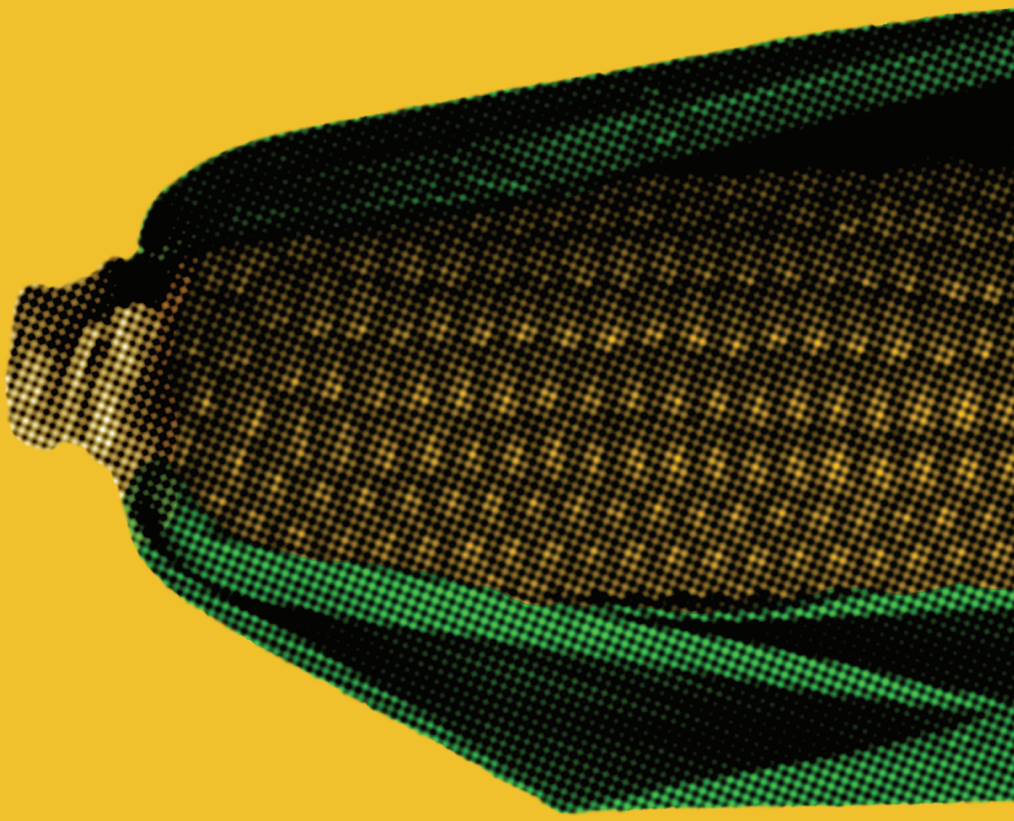
DA RODOVIA BR-116/RS,

ENTRE GUAÍBA E PELOTAS

CONHECER PARA RESPEITAR

Cartilha INFORMATIVA e EDUCATIVA

Programa de Apoio às Comunidades Indígenas
mbyá-GUARANI
BR 116/RS



1
BEM-VINDO(A) À BR-116 DUPLICADA
(pág. 04)

2
QUEM SÃO OS MBYÁ-GUARANI?
(pág. 09)

3
O ARTESANATO MBYÁ-GUARANI
(pág. 13)

4
O CONVÍVIO COM AS COMUNIDADES INDÍGENAS
(pág. 21)

CARO(A) USUÁRIO(A)

BEM-VINDO(A) À BR-116 DUPLICADA

Os processos de duplicação de Rodovias Federais, sob responsabilidade do **DNIT** - Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte - exigem do Poder Público uma série de ações para mitigar os impactos negativos e promover os impactos positivos durante as obras.

Os impactos negativos você bem conhece. Durante as obras, seu percurso muitas vezes foi prejudicado por interrupções, bloqueios, desvios e atrasos.

Da mesma forma, também as comunidades diretamente atingidas pela duplicação sofreram impactos importantes. Os acessos aos municípios, ao comércio, às residências assim como os riscos na utilização da rodovia com maquinário e trabalhadores espalhados em cada trecho foram impactos graves já apontados e pensados antes mesmo do início das obras. Não foi diferente a situação das Aldeias e acampamentos indígenas presentes na região.

Viver às margens da rodovia em situações diárias de risco era a realidade das famílias indígenas **Mbyá-Guarani** que viviam nas proximidades da BR-116, entre Guaíba e Pelotas, no Rio Grande do Sul. Ao longo desses anos de obras essa realidade se transformou em oportunidade para 12 comunidades.

Vários foram os programas criados para minimizar estes impactos apresentados nos estudos que antecederam a licença de instalação das obras. Um destes programas foi o de Apoio às Comunidades Indígenas Mbyá-Guarani no Âmbito das Obras de Duplicação da BR-116, contratado pelo DNIT e executado pela **FAPEU** – Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina.

Em síntese o Programa teve por objetivo proporcionar condições para mitigar os impactos das obras sobre as Comunidades Indígenas Mbyá-Guarani como forma de proteção das mesmas e a garantia da manutenção de seus preceitos ancestrais, sejam eles culturais, religiosos, econômicos e sociais.

Em meio ao estado de vulnerabilidade as comunidades indígenas estavam praticamente restritas às margens da rodovia, onde comercializavam o artesanato típico, vivendo em moradias precárias, sem espaço para plantio, sem água e sem condições sanitárias, além dos riscos constantes de atropelamento e muitos casos de mortes de crianças e adultos.

O respeito ao **Ñhande Reko** – o modo de ser Mbyá - orientou todas as ações do Programa durante as obras de duplicação da BR-116 e, para além disto, garantir qualidade de vida e a sustentabilidade futura nas Aldeias com a produção de alimentos e subsistência.

Uma ação constante foi a de resgate da agricultura tradicional com a retomada do plantio de sementes tradicionais de **Avaxi**, milho tradicional Guarani, da mandioca, da batata doce, do amendoim, de abóbora, do mel de abelhas sem ferrão, da criação de peixes, da produção de hortaliças e culturas de subsistência.

Hoje muitas famílias estabeleceram parcerias entre aldeias e produtores locais através da troca de alimentos e sementes e do fornecimento de hortifrutigranjeiros. Os produtores indígenas estão obtendo talões de produtor, o que os habilita à venda de produtos agrícolas no mercado formal e inserção em programas governamentais como o Programa Nacional de Alimentação Escolar - **PNAE**.

Outra iniciativa consolidada foi de aproximar empreendimentos locais e artesãos indígenas. Hoje nove pontos de venda distribuídos na região garantem a divulgação e comercialização de cestos, maracás e bichinhos em madeira.

Como legado do Programa fica ainda o Coletivo de Comunicação Indígena - **Comunicação Kuery**. Este coletivo formado por jovens indígenas passou por capacitação em tomada de imagens, roteiro e edição de vídeos e fotos e atuou na captação permanente de imagens das ações de execução do Programa. Hoje integram equipes que participam de importantes festivais de cinema como é o caso do filme “Um tempo para mim”, na categoria curtas-metragens Brasileiros.

QUEM SÃO OS MBYÁ-GUARANI?

Quando os colonizadores ibéricos chegaram ao território da atual América, em 1492, nele viviam aproximadamente 40 milhões de pessoas, integrado diversas etnias, falando cerca de 2.000 línguas. Grande parte dos povos originários vivia em pequenas aldeias isoladas ou distantes umas das outras, existindo também impérios (Asteca, Maia, Chimú) com cidades, na época, maiores que Lisboa (Portugal) e Madri (Espanha).

Hoje, segundo o Censo IBGE 2010, habitam o solo brasileiro cerca de 305 Povos Indígenas somando 896.917 pessoas e 274 línguas indígenas.

Os Mbyá são um subgrupo da etnia **Guarani** que habita a região meridional da América do Sul, em um amplo território que transcende as fronteiras do Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. Desta forma, Os Guarani se dividem, em três grupos, nos quais a base da língua é a mesma, porém há pequenas diferenças nas expressões: Os Mbyá, os Kaiowá e os Nhandéva.

Dados arqueológicos estimam que a chegada dos Guarani na região do Cone Sul se deu entre 3.000 e 5.000 anos atrás, vindos de coletivos Guaranis oriundos da bacia amazônica.

Oriundos da floresta amazônica, em diversos e milenares movimentos, os Guarani se dirigiram ao sul e a leste em busca de melhores terras para suas lavouras, caça e pesca. Assim passaram a ocupar territórios nas atuais Regiões Sudeste e Sul do Brasil e na região da Bacia do Rio da Prata, em parte do território do Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia.

Dados indicam que, provavelmente, a nação Guarani foi a mais numerosa da América do Sul, contando com "cerca de um milhão e meio de indígenas" nos momentos iniciais da ocupação europeia.

Os Mbyá-Guarani se caracterizam por serem excelentes agricultores. Praticam agricultura diversificada em cultivares (milho, mandioca, batata-doce, amendoim, abóboras, entre outros).

Além disto se caracterizam pela coleta, caça e pesca, utilizando lança, arco e flecha e arpão. Para garantir renda para sua subsistência se utilizam da venda do artesanato, para tanto confeccionam cestos, bichinhos em madeira, utensílios de cerâmica e adornos.

A língua Guarani, que antes da ocupação de suas terras pelas Coroas de Espanha e Portugal era somente falada e não escrita teve e tem importância fundamental na transmissão oral de tradições e hábitos do povo Guarani. Tendo na manutenção da língua um dos elementos fundantes do Ñhande Reko (o seu modo de ser).

Em relação à comunicação, o fazem através das visitas interfamiliares ou pelo uso de mensageiros que se deslocavam em trilhas pela mata. Também se valiam do tambor, **angu'á pu**, composto por um cilindro feito do tronco do jerivá, pindó, fechado em ambos os lados por uma membrana de couro, que ao ser tocado anunciava a chegada de visitas à aldeia.

De um modo geral, os Guarani vivem em seus territórios, estabelecendo relações sustentáveis com a natureza, mantendo rotinas de acordo com sua cultura e espiritualidade. Um dos aspectos mais importantes da cultura dos Guarani é sua religião e a forma como tratam sua espiritualidade.

Enfim, estes valores ancestrais é que alimentam a atual resistência dos Mbyá-Guarani na luta por seus direitos e pela retomada das suas terras tradicionais.

O ARTESANATO MBYÁ-GUARANI

O “fazer artesanato” Mbyá-Guarani, de certa maneira traduz o modo de ser Mbyá, uma vez que nasce do compromisso de dar continuidade ao trabalho que **Nhanderu** (Deus) começou. A tradição é repassada de geração em geração através do conhecimento tradicional dos mais velhos e de suas relações com os ancestrais e divindades.

A produção do artesanato envolve uma logística que inclui a procura e a busca da matéria prima. Com o desmatamento crescente na região os Mbyá se deslocam regularmente até lugares mais distantes para a coleta de taquara e madeira utilizadas para a confecção de cestos e bichinhos esculpidos em madeiras (zoomorfos). O preparo do material pode levar dias, com utilização de corantes, amarras, fogo, para finalmente ter a forma, o trançado e o acabamento reconhecido pelos **Juruás** (não indígenas) como arte originária ou arte tradicional indígena.

AJAKÁ

(CESTOS)

A cestaria Mbyá-Guarani é feita com taquaras de várias espécies. A lua os orienta quanto ao tempo certo para o corte. Tingidas ou de cor natural, traçam nos cestos grafismos, que no idioma Guarani significa **MBOPARA** - a arte de grafar e de embelezar os cestos, com desenhos que representam coisas que integram a natureza, como: o sol, as peles de cobras, o desenho das borboletas e dos peixes.

Em sua visão de mundo, os Guarani acreditam que **Nahnderú** (Deus) criou a mulher a partir de um balaio. Por isto, estas foram as primeiras formas de artesanato que aprenderam.

1. BUSCA DA MATÉRIA PRIMA

A busca das varas de taquara nem sempre se dá de forma tranquila. Muitos proprietários de terra da região não autorizam a entrada dos Mbyá, obrigando-os a buscarem em locais mais distantes. As varas são cortadas de 20 cm a 1 metro e meio do chão. O Corte pode ser feito em diferentes medidas dependendo do tamanho da cestaria.

4. TINGIMENTO DAS TALAS DE TAQUARA

As talas são fervidas em água com anilina da cor desejada. Originariamente era utilizado corante natural, mas como esse recurso não está mais disponível na natureza, a coloração passou a ser artificial.

2. TRANSPORTE PARA A ALDEIA

Após o corte e coleta, a taquara é transportada em feixes, muitas vezes nas costas, até um veículo (próprio, emprestado ou locado) e por este até a Aldeia, onde inicia o preparo do material, com a taquara deixada para secar por algumas horas.

3. RASPAGEM E CORTE

Uma vez secas, os artesãos começam a raspar a parte verde da taquara, para facilitar o trançado e para evitar corte nas mãos. Após a raspagem a taquara é cortada em talas exatas que são caprichosamente raspadas até ficarem lisas e prontas para o trançado.

5. TRANÇAR

Depois de tingidas, as talas são colocadas para secar, ficando prontas para serem trançadas e darem forma ao cesto. A arte de trançar é um trabalho solitário e que toma muito tempo. Um cesto grande leva até dois dias para ficar pronto, pois no ato de trançar os Mbyá desenham seus grafismos, dando mais identidade aos cestos.

6. TAMPA E ACABAMENTO

Depois de traçado resta fazer a tampa e dar o acabamento. Em alguns modelos o processo de confecção é um pouco demorado e recebe um trançado diferente envolto por dois aros de taquara que se encaixam.

7. COMERCIALIZAÇÃO E EXPOSIÇÃO

Nesta etapa os artesãos precisam sair da Aldeia novamente, desta vez para comercializar o artesanato. Além dos Pontos de Vendas, articulados através de parcerias com o comércio local, é comum que muitas famílias se desloquem para outros municípios como forma de garantir as vendas e seu sustento. Grande parte da renda das famílias vem do artesanato.

VIXO RA'ANGÁ

(ESCULTURAS DE BICHOS)

A confecção de bichinhos em madeira é uma forma de homenagem que os Mbyá fazem aos animais silvestres, que estão desaparecendo em função da extinção das matas.

Essa é uma forma de manter presente, no próprio imaginário, e dos mais jovens, os animais que já não são vistos facilmente nas matas, como é o caso da onça pintada, quati, tamanduá, tatu, tucano, coruja, javali, animais tradicionais da floresta Mbyá-Guarani. Há também outros tipos de esculturas produzidas, como casais de indígenas, normalmente em madeira de guajuvira, e pequenas peças da cruz missioneira, atendendo demandas de turistas.

As madeiras mais utilizadas de espécies arbóreas e arbustivas, além da guajuvira, são as do kurupicá (também identificado pelos Mbyá como corticeira e pelos juruá como pau-leiteiro) e o cedro.

1. BUSCA DA MATÉRIA PRIMA

Geralmente nas matas em beira das rodovias ou em propriedades vizinhas, com consentimento dos proprietários, é possível obter a madeira utilizada na confecção dos bichinhos. As esculturas são confeccionadas normalmente pelos homens da Aldeia. O tempo entre o corte e o início da confecção deve ser cuidado para evitar que a madeira seque e não sirva mais para ser moldada.

4. QUEIMAR E DESENHAR

Assim que o "bichinho" já está com todas as formas e sulcos esculpidos, é chegada a hora de queimar para fazer os desenhos. A queima, com uma haste fina de ferro quente, se dá com o mesmo cuidado, onde olhos, bocas, bicos, pelos e demais características dos bichinhos vão sendo desenhados com atenção. Essa queima com ferro funciona como uma espécie de pintura.

2. TRANSPORTE PARA A ALDEIA

Assim como as taquaras e da mesma maneira, as madeiras são transportadas dos locais de coleta para a Aldeia.

3. CORTAR AS PEÇAS E ESCULPIR A MADEIRA

Depois de trazer a madeira para a aldeia esta é cortada em peças de acordo com o tamanho que se quer para a escultura. Posteriormente é iniciado um minucioso e cuidadoso trabalho, onde as mãos dos artesãos, utilizando apenas uma pequena faca e o peso de suas mãos, vão dando forma aos diversos tipos de “bichinhos”.

5. ACABAMENTO

Finalmente vem o acabamento, que é a retirada das sobras do enegrecimento (pintura), resultante da fumaça da queima, que dependendo do tamanho da escultura confeccionada, leva um ou dois dias. Resumidamente, todo o processo pode levar 5 ou 6 dias para produzir 15 bichinhos em uma série.

6. EXPOSIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Mesmo procedimento para a exposição e comercialização dos cestos, saindo da aldeia e se deslocando até os locais de venda.

ADORNOS

MBOY (COLARES)
POAPYREGUA (PULSEIRAS)
e **BRINCOS**

Os adornos pessoais são feitos com miçangas ou com sementes nativas. Inicialmente eram confeccionados para uso pessoal com a função de proteção divina e defesa espiritual. Com o tempo, devido às dificuldades para obtenção de renda e com o crescimento da demanda, passaram a confeccionar para comercialização. A maior parte das sementes é colhida no período de verão. As miçangas são compradas no comércio local. Para os Mbyá sempre que uma criança chora, a lágrima que cai no mato se transforma em semente e é desta semente que são feitos os colares.

MBARAKA

(MARACÁS)

Inicialmente a cabaça, yakuá na língua Guarani, também conhecida como porongo, não era utilizada para fazer o maracá e sim para copos e pequenas cuias. O contato com outros povos Indígenas motivou os Mbyá a confeccionarem também os maracás, que hoje são utilizados como instrumento musical em algumas cerimônias e fazem parte do artesanato comercializado.

OUTROS ARTESANATOS

Entre o acervo artesanal da Aldeia também é possível adquirir peças como o arco e flecha, as flautas de taquara, os “sinos de ventos” entre outros.

O CONVÍVIO COM AS COMUNIDADES INDÍGENAS

Os indígenas têm um papel primordial na história do Brasil, pois constituem um dos pilares da nossa formação social. Esta grande variedade cultural de povos contribui para a riqueza da cultura brasileira.

No Brasil há uma ampla legislação indigenista, responsável por garantir direitos especiais a estes Povos. O **Art. 231** da **Constituição Federal** diz que: "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens".

Toda forma de proselitismo religioso está proibida, assim como armas de fogo, arma branca, bebidas alcoólicas e qualquer substância ilícita são estritamente proibidas de serem levadas, oferecidas ou comercializadas para os indígenas.

Os Mbyá-Guarani são, por natureza, protetores das matas (lugar sagrado) e dos animais silvestres, portanto é proibido remover qualquer material presente nas áreas indígenas, incluindo animais, frutos, plantas, sementes e pedras.

Os registros em áudio, foto ou vídeo devem ser previamente autorizados pelas lideranças. Além disso, está proibido qualquer uso comercial dos registros sem autorização prévia e formal das lideranças Mbyá-Guarani.

Não se surpreenda, assim como outros grupos étnicos, os Mbyá-Guarani acompanham a evolução tecnológica, vestem roupas, utilizam aparelhos e equipamentos, como celulares, televisores e filmadoras.

É importante compreender que se aproximar de práticas cotidianas dos Juruá (homem branco) especialmente no que diz respeito ao acesso e uso de tecnologias, não subtrai dos Mbyá-Guarani sua cultura, representatividade, importância e espiritualidade. Os Mbyá-Guarani mantém vivas sua cultura e suas práticas tradicionais, mesmo se aproximando da sociedade envolvente.

* * *

Coordenação geral
JULIANA ROSCOE

Coordenação
ENEIDA BRASIL
JULIANA ROSCOE

Textos
ENEIDA BRASIL

Edição / Projeto gráfico
FERNANDO BASSANI

Fotos
ACERVO FAPEU

Cartilha produzida pelo
PROGRAMA DE APOIO ÀS COMUNIDADES INDÍGENAS MBYÁ-GUARANI DA BR-116/RS

ISBN: 978-65-00-81943-4

Programa de Apoio às Comunidades Indígenas mbyá-GUARANI BR 116/RS

Os indígenas têm um papel primordial na história do Brasil, pois constituem um dos pilares da nossa formação social. Esta grande variedade cultural de povos contribui para a riqueza da cultura brasileira.